

O PAPA E A IGREJA PORTUGUESA

por Mário Soares

O Papa Francisco não para de me surpreender positivamente. Não só é contra a austeridade e contra o capitalismo selvagem, como é a favor dos pobres, dos presos (que visitou numa cadeia de Roma) como gosta de dialogar com os agnósticos e mesmo os ateus, por todos serem, por igual, filhos de Deus. Fala, aliás, com as mulheres, ao mesmo nível do que com toda a gente, crentes ou não crentes. Está a lutar contra a corrupção no Vaticano - que sabe que existe - e, da mesma forma, contra a pedofilia. Trata-se de um Papa diferente de tudo o que conhecemos.

Na quinta-feira passada recebeu uma delegação de novos embaixadores que apresentaram as suas credenciais ao Vaticano. Do Quirguistão à Antígua e Barbados, do Grão-Ducado do Luxemburgo ao Botswana, aos quais dirigiu um discurso bem interessante. Disse Sua Santidade entre muitas outras coisas, cito: "a humanidade está neste momento a viver uma espécie de viragem na sua história. Não podemos deixar de nos alegrar com os resultados positivos, que concorrem para o bem-estar autêntico da humanidade, por exemplo, nos campos da saúde, educação e comunicação (ou seja o Estado Social). Mas há que reconhecer também que a maior parte dos homens e mulheres do nosso tempo, continua a viver dia a dia numa precariedade de consequências funestas".

É um Papa que faz a diferença em relação a todos os outros e que reage com sabedoria contra a crise que a União Europeia está a viver. Aliás é amigo do grande Presidente italiano Giorgio Napolitano e do actual Primeiro-Ministro, Enrico Letta.

Escrevi há dias, neste memo jornal, que a Igreja Portuguesa estava, a meu ver, demasiado silenciosa em relação à crise financeira, económica, política, social e ambiental que estamos a viver. Como disse Sócrates "ligado a uma máquina de respiração assistida". Um Governo moribundo, paralisado e com as contradições, ao que parece insanáveis, que existem entre os dois Partidos da Coligação, que põem de facto em causa a maioria do Governo.

A Igreja pouco se tem manifestado com excepções notáveis, como: o Bispo das Forças Armadas, D. Januário, o Provincial Franciscano, Padre Melícias e Frei Bento Domingues, entre outros.

Entretanto, deu-se um acontecimento que, não sendo eu religioso, mas tendo a consciência da importância da Igreja na sociedade portuguesa - o que me fez ajudá-la no pós 25 de Abril, quando foi atacada, como é reconhecido - me deu muita alegria: a nomeação do novo Patriarca D. Manuel Clemente.

Conheço-o desde quando ainda não era Bispo do Porto e sempre tive por ele uma enorme admiração e respeito. É um homem de grande cultura, um historiador com obra publicada e, permito-me dizê-lo, um grande eclesiástico. Participámos em alguns debates públicos e sei, por isso, do que estou a falar.

D. Manuel Clemente quebrou algum silêncio da Igreja Portuguesa e juntou-se claramente ao que tem dito Sua Santidade, o Papa Francisco. Contra a política de austeridade, o empobrecimento e o desemprego que gera na população. Excelente sinal!

Lisboa, 23 de Maio de 2013